

Editorial

Um determinado tema é posto em debate de acordo com os interesses que estão em jogo num dado campo, assim pensava Pierre Bourdieu, Norbert Elias e outros tantos sociólogos em suas reflexões sobre a história e a cultura. Lembrei-me desses autores quando comecei a me indagar sobre o motivo do tema *formação de professores* ter virado assunto obrigatório - em vários círculos ou na mídia, todos se envolvem no debate sem se dar conta de que muito já se pensou e escreveu sobre esse assunto, sem olhar criticamente para ele. O tema tem sido tratado como se fosse novidade, uma grande descoberta. Talvez valha a pena nos perguntarmos quando começou essa febre que se alastra a cada dia, para que possamos entender que interesses estão em jogo nesse campo, neste momento.

Olhando para a história recente podemos perceber que na década de 1980 o grande tema discutido na educação era: a criança, o jovem, o estudante junto com a pobreza, a subnutrição a doença, a falta de condições mínimas para os alunos alcançarem o sucesso escolar. Denúncias de toda ordem ocasionaram projetos e reformas educacionais com vistas a atacar o problema. As vedetes nessa época eram a merenda escolar, a vacinação, o tratamento odontológico e toda a atenção paramédica (psicológica, fonoaudiológica, psico-pedagógica entre outros) voltada aos alunos das escolas públicas. Esse movimento ocasionou uma forte crítica contra a chamada medicalização da educação e contra a culpabilização do estudante pelo seu próprio fracasso.

Rapidamente o discurso foi sendo substituído, tanto que no final da década de 1990 já não se falava mais da miséria como a grande responsável pelo mau desempenho dos escolares, afinal todos passaram a receber merenda e uma parte significativa dos alunos recebe assistência médica e paramédica. Entretanto, o desempenho escolar ainda não era satisfatório. Será que não valeria a pena falar um pouco da miséria cultural e ética que atinge toda nossa sociedade?

Surge com força o novo discurso. O problema muda de lugar, já não está mais na capacidade de aprender mas no ato de ensinar. Todos querem ajudar, as ONGs, as Fundações, isso e aquilo, os voluntários, os amigos da escola, os estagiários sociais e ...

Aliam-se Ministério da Educação, Secretarias de Educação, Universidades Públicas e Privadas, parece até uma cruzada para erradicar a ignorância professoral. A formação dos professores não se limita mais a um curso de graduação em biologia, matemática ou pedagogia. Isso agora chama-se formação inicial. Depois aparece a formação continuada, também a cargo das universidades em parceria com as secretarias de educação dos estados e municípios e até financiamentos federais.

Boas intenções a parte, vamos pensar no que isso significa. Em primeiro lugar, cabe observar que de acordo com o pensamento oficial e o senso comum, a culpa mudou de lugar, ou seja, já

não é mais do aluno e sim do professor – vítima de uma formação precária que deve ser melhorada. Para aceitar esse pressuposto temos que imaginar que a formação é algo circunscrito, um conhecimento acabado que pode ser passado de um lugar a outro, de uma instituição para outra – como por exemplo, dos professores universitários aos professores da escola fundamental e média. Penso que aí temos o primeiro equívoco.

Que os professores hoje detém um grau de instrução, de cultura, de erudição que está longe do que desejaríamos, pode-se até concordar. No entanto, parece absurdo pensar que a solução passa pela reorganização da formação de professores. Considero que a formação profissional dos professores está intimamente ligada às suas condições de trabalho. Cada profissão tem suas condições ideais de exercício. No caso do professor, bem como de boa parte dos profissionais que lidam com o a história e o conhecimento, o cultivo do espírito e as possibilidades de pensar e estudar são condição de trabalho. Não é possível imaginar que um professor que passa de 30 a 40 horas por semana em sala de aula com crianças, jovens ou adolescentes, em números que variam de 30 à 50 por sala, possa em algum horário encontrar disposição para ler um bom livro, ver um bom filme, ouvir uma boa música, pesquisar um assunto que lhe interesse ou que seja de interesse de seus alunos. Isso sem contar os recursos econômicos necessários para manter um alto nível de educação e cultura, muito distantes do poder aquisitivo próprio desse profissional.

Mas, voltando à formação dos professores, um dos fatores mais impressionantes é a ânsia de oferta de cursos e programas de formação por parte das universidades e fundações de ensino, bem como a demanda apresentada pelos dirigentes dos sistemas estaduais e municipais. Em ambos os lados parece haver um desconhecimento de que o professor tem capacidade de pensar, de analisar e fazer suas próprias demandas, desde que lhe sejam garantidas as condições de trabalho necessárias para que possa exercer com dignidade seu *metier*.

Nós da Revista Pro-Posições optamos por entrar nesse debate publicando o presente dossiê, onde se analisa por vários ângulos a Instituição Escolar e sua expansão. Longe de considerar a escola como um bem em si o dossiê problematiza esta instituição e seu lugar social.

No próximo número a ser lançado ainda este ano, a Revista abordará o tema da Universidade, quando esperamos poder tratar dos graves problemas que atingem a universidade brasileira – as universidades públicas em especial – bem como homenagear nosso saudoso professor Octávio Ianni, membro do Conselho Editorial desta revista, recentemente falecido. Homenagear o professor Ianni significará para nós expressar a saudade e a falta que ele nos faz, justamente quando nós docentes das Universidades Públicas Paulistas enfrentamos uma greve que já se estende por mais de 50 dias, sem conseguirmos uma negociação justa - seja no âmbito do Conselho de Reitores seja na Assembléia Legislativa do Estado. Temos certeza que se aqui estivesse, o professor Octávio Ianni, estaria lutando, como sempre o fez, ao lado de professores, estudantes e funcionários em defesa da Universidade pública gratuita e de qualidade para todos.

Agueda Bernardete Bittencourt
FOCUS- FE-UNICAMP